



CONTOS
DO OUTRO LADO

Celso Jodão

Armazém de Quinquilharias e Utopias

CELSO JOABE

Contos do outro lado

1ª Edição
Utopia
2022

Armazém de Quinquarhas e Utopias

A mulher da praça

Ela aparentava ser apenas uma mulher sentada em uma praça qualquer. Sua respiração calma e de semblante pleno, revelava suas vivencias de muitos carnavais. Naquele ponto da jornada, se dava o luxo de apenas sentar e observar a pressa dos jovens. Para que apurar a morte pensava. Se soubessem o piscar de olhos que é a vida, dariam outro valor para seus passos. Ela mesma gostaria de ter percebido antes como somos frívolos, como deixamos passar as horas e os dias. Sagrado o momento em que você olha para trás e percebe que a vida passou sem arrependimentos. Não se trata de ficar velho, mas sim, de não ter vivido com a intensidade que a existência merece. Ela sabia que tudo podia ter sido pior, poderia morrer sem perceber o seu verdadeiro destino, assim como a maioria das pessoas que assistem novelas na TV. Contrário do que pensava que seria seus últimos anos na terra, ela achou o prazer de observar as coisas pequenas, de viver em um tempo mais lento. Para o mundo, apenas uma senhora sentada no banco da praça, ninguém imaginava que ela era a rainha do tempo. Se aqueles moços soubessem da sua percepção sobre a vida, teriam mais respeito e venerariam a sua deusa. Pobres homens que sofrem, deveriam ter vergonha de suas máscaras de papelão. O que os separa da libertação é a dor de deixar-se ir e soltar as amarras deste mundo de mentiras que criamos ao redor. A verdade dói, mas o que tem depois do lamaçal de mentiras é a redenção de poder viver o presente e o mundo como ele realmente é. E como ele é? Assim como essa mulher, apenas sentada

Contos do outro lado

respirando, segura de sua felicidade, mesmo com o corpo ruindo, seu estado de espírito já não depende dos elementos externos. Se pudessem ver seu espírito, jamais imaginariam a dor que a levou a este estado, a dor de se largar, de desapego pelos próprios pesares.

A verdade no fim do túnel, é ver uma formiga carregando uma folha para seu lar. A chuva cai.

Rua Dos Espelhos

A chuva para. O vento frio resseca seus lábios. Batom manchado. O casaco de coroa felpudo abraça sua pele. Uma leve mordida no seu lábio inferior deixa uma gota de sangue, ela aprecia. Ela está parada e protegida embaixo de um toldo na frente do seu bar favorito. Estende sua mão macia com unhas delicadamente desenhadas. Sente as últimas gotas de chuva deslizando sobre a cicatriz em seu pulso. Arrepiada. O vazio da rua à deixa insegura. Lembra que nada tem a perder. Não sentiriam sua falta se algo acontecesse. Olha para trás e vê o bar vazio. Pensa em tomar mais um trago. O último. A culpa sobe em forma de um hálito amargo. Ela olha para o chão e vê seu rosto refletido na água. Sente vergonha da sua maquiagem borrada e do olho roxo que tenta esconder com uma mecha de seu cabelo. O sapato mergulha na água enquanto o reflexo de seu rosto se desfaz junto com sua alma. Não consegue olhar em frente impedida pela culpa. A cada passo um fragmento do que costumava ser se desfaz. Ela se abandona. Uma lágrima cai. Prisioneira entre um horizonte impossível e um presente refletido em águas sujas.

Purgatório dos artistas mentirosos e sem paixão

Nicolas sonhava um dia ser admirado pelas pessoas. Se imaginava entrando em uma biblioteca famosa e encontrando sua biografia entre os livros mais importantes da história. Queria ser lembrado como um grande criador, quem sabe um herói, e o mais importante, nunca mais ter que olhar para aquela velha geladeira vazia.

Trabalhou e estudou compulsivamente evitando amigos e relações amorosas, não tinha tempo para perder. Enfrentou todos os obstáculos buscando sua criatividade. Esforço inútil; o brilho sagrado se escondia, suas criações eram superficiais ou cópias malfeitas de outros artistas, somente esforço não parecia ser o suficiente.

Anos depois, no seu aniversário de 60 anos, estava sozinho em seu velho apartamento, sem perspectiva de mudança de vida e ainda com a geladeira vazia. Era cedo quando se sentou em sua mesinha para tomar o café da manhã: uma xícara de café e duas torradas velhas. Tentando ignorar o roncar do seu estômago, se queixou mentalmente da maldita arte, da falta de dinheiro e da ignorância do público.

Respirou fundo e como em um filme viu sua vida passando por sua mente. Lembrou de algumas criações antigas que até lhe pareciam agradáveis, mas vozes ferozes interrompiam sua contemplação. Gritos de fracassado, inútil, plagiador,

Contos do outro lado

anos de críticas ao seu trabalho se manifestavam como demônios diante do espelho.

Viu que tinha mais passado o que futuro e que não podia mais perder tempo. Tomou a decisão mais importante de sua vida. A partir daquele dia, ia parar de criar para agradar aos críticos. Sentou-se em sua mesa de trabalho, colocou um incenso de mirra de um lado e um vinho do outro, fechou os olhos e se esvaziou. Capas de criatividade afloraram, mas o desejo de agradar ainda estava lá impedindo que transcendesse a si mesmo. Não sabia a quem ou o que, mas existia um grande outro que exigia sempre sua atenção. Jogou a mesa para o lado e ofegante caminhou até a estante. Pegou o jornal do dia anterior e foi direto à última folha. Com um brilho nos olhos colocou o dedo no quadrado em destaque que dizia: bruxo Zé da Vila.

Depois de vários rituais de limpeza voltou para casa onde ficou na cama por três dias delirando em febre. Quando por fim se sentiu melhor, levantou-se da cama sem poder acreditar, era outra pessoa, um copo vazio esperando para ser cheio de luzes e ideias, não se importava com nada, não julgava, impulsos criativos passavam livres por seu corpo, era uma máquina sendo usada pelas musas, sua arte era pura, frenesi sem apego, a obra em si já bastava.

Fora do próprio corpo se viu no alto de uma montanha. No horizonte contemplou a fama, elogios e o dinheiro. Sorriu com desdém, nada disso importava, sorriu diante do horizonte vazio, estava por fim presente em sua criação. Um barulho forte na janela interrompe o transe.

Celso Joabe

Seu desgastado corpo pede trégua, sente seu joelho estalar e o coração silenciar. Na janela um pássaro desliza pelo vidro deixando um rastro de sangue. Nicolas se aproxima apertando seu peito sem soltar o cigarro. Um último trago profundo. Calmaria. Com a força que restava, destrava a janela e pega o resto do corpo do animal em suas mãos. Se escuta o eco do seu corpo estatelado no chão. Silêncio. Ao som de aplausos, o ceifador leva sua alma para o purgatório dos artistas mentirosos e sem paixão.

Madeira e alma

O homem parou por um momento e olhou em volta as árvores que o julgavam, fingiu não sentir a dor daqueles seres incompreendidos. Após horas batendo com o machado no imenso tronco, secou o suor com um pano bordado a mão por sua amada. Olhou o corte na pele da árvore que apesar do esforço que tinha feito, não tinha logrado mais que apenas um arranhão. Continuou com precisão e força até que uma lembrança de seu falecido pai veio em sua mente. A cada golpe, via momentos em família onde seu velho, sorridente sempre fazia alguma piada. Se sentiu observado. A árvore chorava, tinha dor. Em um ritmo lento e constante seguiu até que o calo em sua mão arreventou. Continuou com os golpes enquanto a dor ia para seu coração. Lágrimas fizeram dueto com a seiva que respingava no solo ancestral. O Sol baixo no horizonte, o vento suave e o cheiro de mato o condenavam. Um estalo que começou na base da árvore e seguiu como um raio até a sua copa disparou seu coração. Olhou para cima, o som foi aumentando, sentiu a terra sob seus pés tremer. Abandonou o machado e correu até uma corda amarrada para direcionar a queda. Sua respiração era pesada, podia sentir o sal de seu suor entre os seus lábios, o monstro verde havia sido derrotado. Se aproximou do cadáver e perto do corte viu letras talhadas na madeira, coberta com um pouco de musgo. Limpou com seu canivete e reconheceu a assinatura do seu pai. Uma memória perdida veio em sua mente do dia em que plantaram uma muda naquele bosque, seu pai de forma amorosa dizia “nunca derrube uma árvore sem antes plantar outra em seu lugar, porque ali, estará sua alma para sempre”

A estrada para dentro de si

Após descer a serra com seu Jipe, Francisco sorriu ao ver uma grande reta a perder de vista. Desligou o som e diminuiu a velocidade, por fim estava em frente ao seu grande objetivo de vida. Aquela solidude não tinha preço, sua mente estava por fim calma. O carro a 40 quilômetros por hora dava sensação de estar flutuando. Desejou que aquele momento durasse para sempre, não pensava se tinha contas para pagar, relações para alimentar, até mesmo seu ego pareceu deixar de existir, era apenas um espectador do presente.

Sempre imaginava que a iluminação era algo com luzes e foguetes, com extraterrestres andando por seu caminho. Se aquele deslumbre era a iluminação, tudo era muito mais simples. Nunca imaginou como uma estrada reta podia conter tanta sabedoria. Ele era parte do mundo como o mundo era parte dele. O fato de reconhecer a não separação da existência permitiu toda a ansiedade se dissipar. Depois de algum tempo percebeu que poderia ir ainda mais fundo dentro daquela experiência, mas o medo do que haveria depois o fez duvidar por um momento.

Fechou os olhos, esqueceu a estrada e deixou a corrente de vida guiar o volante. O caminho, agora, era para o mundo de dentro. Sentiu paz enquanto o mundo ia se dissolvendo. Olhou o carro do alto, espectador de sua própria vida. Viu seu real tamanho perante o universo, um grande poder latia dentro de si. Queria explodir. Sua curiosidade o fez expandir mais uma vez, sua mente era unificada ao todo.

Contos do outro lado

Não estava em lugar algum no tempo. O barulho do motor começou a soar e isso despertou a vergonha no que restou de sua personalidade, vergonha de suas máscaras e suas mentiras. Atormentado por sua arrogância, foi julgado.

Não havia deuses ou demônios o condenando, apenas sua própria moral que revelava para si mesmo os caminhos que podiam ter sido melhores. Estava em um ponto entre o amor e o ódio, o calor e o frio, um estado desconhecido pelos seres humanos. Dolorosa verdade que fechava a ferida com uma compreensão profunda, um desejo de reparação e a satisfação de poder ter mais uma chance.

Abriu os olhos e viu que estava parado no acostamento no meio da escuridão. Um sentimento de culpa caminhava a seu redor. Usou a luz do seu verdadeiro ser para dissipá-la. Por fim entendeu que não bastava a compreensão, era necessário andar para que o conhecimento fosse parte de sua existência. Desde este dia, preferiu andar por estradas curvas, porque ali, era onde verdadeiramente forjava seu ser.

A dívida do Ateu

Cheguei em casa e antes de acender a luz senti algo estranho, tinha um cheiro diferente no meu apartamento. Eu morava sozinho desde que fugi de casa, conhecia todos os cheiros do meu cafofo, e aquele era algo que eu não reconhecia. Era um lugar pequeno com poucos móveis, apenas o básico para um homem solteiro poder existir. Na penumbra podia ver que tudo estava em seu lugar, mas não deixei de pensar que alguém podia ter entrado ali e estava escondido esperando eu entrar para me atacar. Fiquei paralisado por um momento pensando se devia entrar. Um pouco de razão tomou conta da minha cabeça e percebi que provavelmente eu só estava paranoico. Eu devia ter esquecido alguma janela aberta e o cheiro devia vir lá de fora. Olhei com mais cuidado e todas as janelas estavam fechadas. Dei um passo e o cheiro ficou mais forte, agora eu tinha certeza de que não era cheiro de merda ou de gás, era cheiro de gente, meio amargo de alguém que fuma e bebe, meio parecido com cheiro do ônibus lotado as 6 da tarde. Resolvi entrar e fechei a porta, mas algo me impediu de acender a luz. Os móveis pareciam se transmutar em monstros ferozes como os que tinha no meu armário quando criança. Pensei que tudo isso podia ser algo mal resolvido na infância, era o que meu psicólogo dizia, tudo era culpa da minha criança interior mal resolvida. Era só acender a luz e resolver logo isso, pensei. Aceitar a morte se fosse necessário, mas não, algo em mim, achava que podia ter uma chance se continuasse no escuro sem ser visto. Aquilo já era um absurdo. Um homem grande, vacinado e que nunca chora, segurando sua pasta para enfrentar

Contos do outro lado

algum tipo de fantasma fedido, o que iria fazer, bater nele? Todos sabem que fantasmas são transparentes. Olha o Ateu acreditando em fantasmas, sou um ridículo mesmo, daqui a pouco vou pedir ajuda de Deus.

Um ruído veio de trás do micro-ondas, lembrei da oração que minha mãe me ensinou, mas só uma parte. Que momento para voltar acreditar nos santos, só faltava começar a chorar e chamar minha mãe. Me aproximei do micro-ondas e o cheiro ficou ainda mais forte, agora parecia enxofre. Será que vou ter que lidar com satanás agora? Como era o resto da oração? Deus, se me salvar dessa, prometo decorar todas as rezas da minha mãe. O cheiro foi embora e uma aura de calma tomou conta do lugar. Acendi a luz e tudo estava em seu lugar, só que agora tinha feito uma promessa.

No outro dia, andava pela praça o ateu endividado em direção a igreja sussurrando “Pai nosso que estais no céu...”

Tudo por ti

Eu falei umas trinta vezes para Rose que não era uma boa ideia descer ao fim do mundo atrás do tal buraco das sereias. Essa história era uma indicação vinda dos amigos surfistas dela, ou seja, não podia ser boa ideia. Teimosa do jeito que só ela, buscou as fotos no Google onde mostrava uma gruta com uma piscina natural em seu interior, com luzes fluorescentes que vinham de um tipo de bactéria que brilhava naquela região. Então Rose cismou que queria entrar em uma viagem de ácido naquele cenário utópico e para o meu azar fez questão que eu fosse junto.

No dia seguinte ali estávamos, buscando o paraíso com um cartão inteiro de LSD chamado Avatar embaixo da língua. Descemos um desfiladeiro resvaladiço onde ao menor descuido me aguardava a queda em um terreno com pedras pontiagudas. Eu já estava toda suja e cansada, mas ela segurava minha mão me dando segurança para não me matar, Rose era acostumada com essas aventuras, já eu.

Com sorte saía do meu quarto. Segundo ela eu precisava tomar sol e me arriscar mais, ela não via que eu vivia intensamente no meu mundo virtual e de forma muito mais segura, era só comparar os joelhos, o dela cheio de antigas cicatrizes e arranhões, o meu, deixa para lá.

Empenhei-me para entrar em seu jogo, não queria que ela deixasse de gostar de mim, onde eu ia encontrar uma gata daquela, com seu rastafári que chegava na bunda e

seu cheiro de sabão de coco que me deixa excitada só de lembrar.

Fazia uma hora que descíamos aquele morro, parecia que logo encontraríamos as portas do inferno. Uma bolha estourou no meu pé e reclamei por primeira vez daquela maldita gruta, o ácido vai bater e estaremos perdidas resmunguei. Relaxa e me segue, disse ela se sentando nas costas de uma borboleta gigante. Sem poder me mover vi ela se distanciando. Meu corpo foi ficando amortecido e as partes internas da minha bochecha se transformando em chiclete, tive vontade de comer minha própria boca. A escuridão deu lugar a um cenário do filme Avatar, tudo parecia ser de neon. Entendi o nome do ácido. Cogumelos cantavam e as árvores eram feitas de chocolate e com gosto de molho de tomate.

Quando comecei a querer me desesperar com o desaparecimento de Rose, um pingo de lava com olhinhos puxados sorriu-me e pediu que eu o seguisse, confiei e fui atrás dele. Após alguns minutos caminhando através de um túnel de luz violeta encontrei a tal gruta. Rose me esperava vestida como uma deusa africana. Tirou sua roupa e nua, desceu das costas da borboleta. Se sentou em uma das pedras e abriu as pernas. Uma cachoeira começou a sair de sua vagina que era grande demais para mim. me sentindo uma insignificante ratinha de esgoto com medo da própria sombra, escutei seu grito dizendo para não perder a conexão. Então ela mergulhou na água que ficou da cor de sangue. Olhei em volta e vi vampiros me olhando nas sombras da caverna, sussurrando se iam me comer inteira ou em pedacinhos. Me encolhi de cócoras e

Celso Joabe

criei com o poder do pensamento uma pequena caverna ao meu redor com várias capas como bonecas russas. Quando achei que ia explodir lembrei que tomei um cartão inteiro de ácido e que tudo aquilo não podia ser real, abria os olhos para tentar me conectar com meu ser terreno, mas o mundo mental era mais real que o mundo de olhos abertos, me busquei e só encontrei o vazio. No meio da minha não existência senti um toque, era a mão dela me salvando de me afogar.

Subimos nas costas da borboleta e voamos até o lado escuro da lua para construir uma casinha de ilusões e viver a vida perfeita da Rose que estava por fim feliz. Já podia me sentir satisfeita. Respirei e entendi que valia a pena me abandonar se pudesse estar ao lado dela, só gostaria que ela pudesse me olhar ao menos uma vez, o olhar de verdade daquele que te entende e acolhe, que eu não fosse apenas a garota que está ali para ouvir suas neuras e fazer ela gozar de vez em quando. Não sei por quanto tempo mais ela vai querer ficar comigo, porque sei que não é fácil para ela bancar as piadas dos seus amigos de que ela está com uma nerd gorda e sem palavras.

Sobrevoando o céu noturno, ela me empurra das costas da borboleta. Perco minha vida, mas ainda me resta seu rosto como última imagem da minha existência. Te amo.

O Último Chá

Velha xícara de porcelana. Desgastada e vazia. Pétalas brancas pintadas. Fundo vermelho como um tapete persa. Folhinhas verdes nas bordas. Um quebradinho de um dia que caiu da mesa. Conversas, amores, desabafos e choros, de tudo tinha visto. Serviu chás, cafés e licores disfarçados. Agora, o último gole Amargo.

Com o corpo caído do lado. Se lamentou sem perspectiva. Sentenciada para sempre no canto da prateleira das coisas não usadas. Julgada por assassinar quem um dia com muito amor a criou.

Contos do outro lado

Caminhoneira sim senhor!!!

Suas mãos eram fortes e de pele grossa, acostumadas com o volante do caminhão. Sonhava as vezes em poder se cuidar mais, fazer cabelo, tomar banho de rosas e todas essas coisas que madame faz, mas a vida tinha reservado outro destino.

Dora Cresceu viajando com seu pai Bastião e a mãe Rosa na boleia do Alazão, o caminhão que seu pai tinha comprado fazendo uma dívida a perder de vista com um agiota conhecido como Tinhoso. Faltando alguns anos para se livrar do trato, Bastião morreu deixando toda a dívida para Dora e sua mãe.

Depois de uma semana de luto, as duas começaram a rodar pelas estradas para pagar a dívida de Bastião. Com o que sobrava de dinheiro, quando sobrava, usavam para comer e a manutenção do caminhão. Alazão não era desses caminhões modernos que por pouco levanta voo, ele era duro e teimoso. Depois que Rosa ficou doente e não pode mais dirigir, Dora precisou se dedicar sozinha a ingrata missão de pagar a dívida com Tinhoso que estava sempre a ameaçando.

Dora aprendeu a trocar pneu, prender a carga e arrumar qualquer defeito que aparecia. Toda essa dureza afastava os olhares tendenciosos dos outros caminhoneiros. São todos uns porcos nojentos pensava ela.

Contos do outro lado

Odiava a maioria dos homens, menos seu pai e o Rogério Diniz, o locutor da rádio sertanejo na estrada. Ela gostava da voz de barítono dele, sonhava em ouvir um dia ele falando seu nome.

O tempo era outro na estrada. Nas longas viagens de caminhos escuros sempre lembrava do seu pai dizendo que o importante era ter honra.

Quando dormia em um posto de gasolina Dora sonhava com o dia da sua última viagem, a primeira coisa que ia fazer seria mudar de profissão, alguma que pudesse se arrumar, por perfume, usar batom vermelho e pintar as unhas. Sabia que sonhava demais, mas pedia ao destino, independente do que iria fazer um dia poder abandonar as estradas. Amava também a solidão das viagens, só que estava cansada dos perigos como o do dia que ela parou em um posto de gasolina de uma pequena cidade qualquer, desceu para abastecer e sentiu um olhar que por muito tempo não iria esquecer. Não era o olhar de nojo ou fantasia como de costume, era o mirar de um caçador.

Dora acendeu um cigarro e o encarou de volta. O homem se aproximou saindo das sombras e os olhares se tocaram. Ela não se intimidou. jogou a bituca nos pés dele e ergueu a cabeça com a vista firme. O homem pisou no cigarro e deu um sorriso que desarmou Dora. Ela entendeu na hora que aquele não era alguém para se desafiar.

Deixou o tanque pela metade e seguiu seu caminho.

Ligou o rádio.

Chiado.

O vazio foi crescendo diante dela, a cada curva esperava ver algum carro para se sentir segura, gostava de imaginar ser algum amigo, ou algum primo distante, às vezes buzinava e acenava, mas dessa vez estava só. Uma infinita linha se formou em sua frente, ela seguia olhando pelo retrovisor com desconfiança.

Depois de alguns quilômetros Alazão fez um ruído e parou. No acostamento de terra batida sem nada em volta a não ser os vultos que andavam em círculos pelas sombras que à lua deixava, revisou o óleo, gasolina e o motor. Tudo em ordem até que viu um cabo que estava solto, parecia ter sido cortado com uma serra até uma parte e com o movimento do caminhão tinha terminado de se soltar.

Uma luz distante apontou no horizonte, seu coração disparou, pegou a caixa de ferramentas e começou a emendar o cabo. Em um movimento desajeitado deixou o alicate cair dentro do motor. O caminhão foi se aproximando e iluminou seu rosto. Sua pupila dilatou. Dora saltou dentro do motor sentindo seu braço queimar. Não se importou. Pegou o alicate ao mesmo tempo que escutou o caminhão estacionar.

A porta abriu e o homem que estava no posto desceu fumando um cigarro, aquele familiar estranho olhar a devorou.

Dora gritava sentindo o membro rígido do homem tentando entrar entre suas pernas. Sentiu sua língua com gosto de pinga e tabaco. Dor, revolta, impotência, ele era muito mais forte, não tinha outra saída a não ser se entregar. Esticou

Contos do outro lado

as mãos pelo chão ralando sua pele entregue a morte até que algo pontudo e frio no chão a despertou. Não sabia como tinha aparecido ali, mas agradeceu ao destino por colocar aquela faca em seu caminho. O grito agora tinha outro tom. No retrovisor, o estuprador desmembrado agonizando no chão.

O ser. A pele. Uma quitinete vazia.

A vida parece brincar conosco como se fôssemos peças em um tabuleiro. Recuso-me a ser parte disso. Posso bancar os olhos tortos, os cochichos e as mães indignadas com minha mudança de sexo.

— Bixa pessimista — gritam em algum lugar do bar.

O útil ficou para trás. Não sabemos para onde correr. Contradições sem pretextos de mudança. Estagnação sem moral. O fluxo da sobrevivência sufoca. O policial de que mesmo? Ou melhor, para quem? Se afastarmos nossas visões um pouco de nosso próprio umbigo, conseguiremos ver que bizarro é a dinâmica da vida perante o tamanho da capacidade que nos foi dada. Onde foi parar nosso paraíso? Olhe em volta, não vai ser difícil achar uma injustiça, assim como não é difícil achar sua cegueira.

Não existem inocentes, viemos programados para destruir, somos o câncer do mundo. O que nos resta? Talvez fazer o impossível para mudar a rota do navio que vai em colisão com o muro da ignorância.

O café veio frio, foda-se, nem gosto mesmo. Ser uma fotografia romântica com uma música de cabaré ao fundo me basta. Sinto falta do cigarro, mesmo já não sendo politicamente correto fumar. Não que eu me importe com isso, mas sim, no fundo, me importo. Maldita prisão

Contos do outro lado

mental que criamos. A foto é o mais importante, ali não existe dor. A máscara mais bonita vem à tona. Depois do “flash”, a cara feia volta, a barriga estufa, aceitamos as superficialidades.

Em casa vivo sozinha, não faço questão de bicho e nem de marido, preservo o único lugar onde posso ser eu. E quem sou? Uma quitinete caindo aos pedaços.

Tomo mais uma cerveja para não perder a lombra.

No banheiro respiro fundo. Tiro a maquiagem. Sem pressa. Não é fácil sair na rua assim toda montada, mas difícil mesmo é voltar para casa viva. Até agora meu canivete me salvou nos momentos tensos, mas a sorte não dura para sempre. A morte me vigia pela janela e estou pronta para ela, se morro, morro no morro, fazendo o que nasci para ser.

Agora é gozar e dormir.

No dia seguinte acordo de ressaca e agradeço o dia livre e de não ter que ser como esse povo de escritório, Deus me livre. Vou dormir até tarde, viver agora não dá, me deixem. É madrugada, acordo com o vizinho gritando com sua mulher, estou acostumada, não mais do que ela, mas desta vez a briga estava feia. Fico atenta fingindo dormir. Estou alerta, juro que arrevento aquele maldito e esfrego minhas bolas na cara dele se ele encostar nela. Infelizmente violência psicológica não é crime porque se fosse por isso, esse canalha já estava em cana. Escuto uma batida seca e logo o som de algo caindo no chão. Meu coração acelera.

Pego meu canivete e saio de calcinha mesmo.

Arrombo a porta. Os dois estão no sofá, o desgraçado desfigurando o rosto da mulher com socos enquanto a enforca com a outra mão. A faca entra. Respingos pintam minha mão de vermelho. Gritos. Dele e dela. Ele silencia. Ela continua enquanto coloca o corpo agonizando no chão. A mulher transtornada vem para cima de mim, dizendo que matei seu amor. Deixo-a me socar até a polícia chegar. Foi assim, que mais uma preta trans acabou em cana.

Na minha cela encontrei certos sentidos para minha vida que jamais imaginei. Vi como o ser humano pode ser cruel e violento. Meu estado emocional agora anda meio sei lá, não fico alegre por nada nem triste também, o caminho do meio foi o que eu escolhi para me manter viva neste lugar. Abandonei os picos de euforia, agora é esperar o tempo trabalhar e sair de cabeça erguida dessa merda de lugar.

A maior ilusão da cadeia é pensar que você consegue acelerar o tempo e que a liberdade virá correndo te abraçar. No começo inventava coisas para que logo chegasse a hora de dormir. Nos sonhos era livre, tinha encontros incríveis, comia tudo que gostava e transava muito, mas sempre na melhor parte o sino de despertar da cadeia tocava. Começava novamente a corrida para fazer o tempo passar. De noite tinha que ficar acordada para não ser abusada, as vezes não tinha escolha e simplesmente aceitava a invasão do meu corpo, era melhor do que ser morta. Quando fui para a ala gay tudo melhorou, ali todas se ajudavam e existia um senso de autoproteção. O problema mesmo foi o Sargento Silva que não foi com a minha cara logo

Contos do outro lado

de início. Me obrigava chupá-lo todos os dias, era uma sopa de frustração, pancada na cara e muita humilhação. Como doía, ele dava com o punho fechado entre minhas costelas, eu perdia o ar e vomitava enquanto ele gozava no meu cabelo. Um dia não aguentei, segurei o saco dele e esmaguei suas bolas.

Meses depois de sair da solitária, sentada em um canto da cela onde batia o primeiro sol da manhã, no silêncio do sono dos prisioneiros, imersa em minha respiração consciente que a monja nos ensinava, a paz pela primeira vez me encontrou. Depois deste dia as coisas começaram a ficar muito mais leves, até tive momentos de muita alegria com minhas companheiras de cela.

Tudo isso mudou no dia em que um guarda chegou em minha cela e gritou.

— Ricardo Ângelo, venha comigo.

Fiquei arrepiada e tensa tentando esconder meu pavor. Não era de rezar e nem acreditava em nada além do vazio de Buda, mas naquele momento pedi para que qualquer entidade cósmica me ajudasse e que as orações da minha mãe fizessem efeito.

Entrei na sala do delegado, ele estava sentado assinando alguns papéis e segurando o cigarro com a mão livre. Sem olhar na minha cara, me passou um dos papéis e pediu que eu assinasse.

— Está livre, alguém pagou sua fiança.

Celso Joabe

Assinei tremendo o documento sem questionar quem tinha sido o benfeitor e em silêncio saí para a rua ansiosa para ver como estava o mundo 6 anos depois.

Em frente a uma loja de espelhos me assustei com a imagem que vi de mim mesma. Na prisão parei de tomar meus hormônios, virei uma criatura estranha, andrógono e descuidada. Fingi um sorriso, fingi não ver os dentes podres, fingi não ver minhas cicatrizes, fingi ser o que eu tinha encontrado em meu vazio. Fui o melhor que o mundo me permitiu ser. Agora sou o presente imagético de mente sem fronteiras. Uma quitinete feia por fora, mas ajeitadinha por dentro.

Entrar em casa

Era sexta feira de madrugada. Na rua, escuridão e esquinas vazias. Apurando meus passos para chegar em casa respirei fundo e busquei coragem. Repetia comigo mesma “Chegar em casa, enfiar a chave na porta, puxar a porta, rodar a chave, escutar o barulho da trava, entrar, fechar os cadeados e esquecer o quanto aquele lugar era perigoso”. Fazia duas semanas que tinham esfaqueado um menino na esquina de casa, isso me deixou paranoica. Sempre saía da lanchonete onde trabalho às 3 da manhã e esperava o ônibus sozinha sem deixar de olhar para os lados. Depois de 1 hora de viagem eu descia do ônibus cinco quadras de casa. Até semana passada meu ex-namorado me esperava e me acompanhava, estava segura e protegida. Agora o jogo era outro, precisava enfrentar meu mundo sozinha sem aquele canalha.

Na entrada da minha quitinete que ficava entre duas lojas de bugigangas e coisas antigas, senti uma presença atrás de mim. Olhei para trás. Vazio. Minha mão começou a tremer me impedindo de acertar a porra do buraco da chave. Senti um sopro quente no pescoço. Segurei a chave com mais atitude, mas a tremedeira estava forte. Vi ela caindo das minhas mãos em câmera lenta. Olho para o lado e desta vez ele estava ali, me encarando enquanto soltava fumaça de seu cigarro pelo canto da boca, apoiado no poste como alguém que espera seu amor. Seria eu sua escolhida? Com força me puxou pelo cabelo me enforcando com a outra mão. Tossi buscando ar, e no último fôlego antes da morte, juntei minhas últimas forças e soquei o vazio,

Contos do outro lado

estava sozinha. Entrei em casa e fechei os cadeados, me certifiquei de que as janelas também estivessem trancadas e por fim me deitei em minha cama, cansada da minha mente pregando peças, de ser abusada por ela. Finjo não ter medo e deixo que o olhar que me encara pela janela me embale o sono.

Palco vazio

Parte 1

Greg era gentil, amoroso e sempre comprava minhas ideias mais loucas ao mesmo tempo que estava sempre me dando conselhos. Ele tinha uma vida equilibrada onde tudo parecia estar sempre no lugar. Na primeira semana de namoro já quis conhecer meus pais e ficou com muita facilidade amigo dos meus amigos. Era como se ele sempre estivesse ali, me cuidando, me ajudando a melhorar.

Tínhamos incompatibilidades é claro, mas eu lidava com elas. Para ele o mundo era como se fosse uma grande planilha. Planejava todos os seus passos, o que fazia que tivéssemos uma relação com raras surpresas. Eu era a que estava sempre fora do roteiro, quebrando o seu controle sobre a vida. Ele até tentava me mostrar como funcionava seu método de se organizar para que eu nunca estivesse atrasada, mas algo sempre acontecia comigo devido ao meu jeito desastrado de ser. Greg não parecia se enojar, simplesmente respirava fundo e encontrava outros planos para contornar o que eu atrapalhei.

Um dia, contei para ele que ia para a despedida de solteira de uma amiga que ficava em outra cidade, foi a primeira vez que ele pirou. Greg bufou e disse que eu não gostava mais dele. Expliquei que não era nada disso, era apenas uma amiga de infância que ia se casar e fazia questão que

eu estivesse ali em sua despedida, já que eu não poderia estar em seu casamento. Ele respondia sem sair do tom de neutralidade que eu estava buscando desculpa para me deitar com garotos de programa. Eu via sua fúria interior aumentar. Eu geralmente o escutava, era um homem mais velho que foi casado por anos com outra mulher, sempre parecia saber das coisas, mas desta vez, eu precisava fazer o que eu queria.

Sentei-me no sofá e chamei ele para perto de mim. Greg deitou a cabeça no meu colo e vi uma lágrima correr por seu rosto. Era a primeira vez que via ele chorando e tão inseguro, devia estar realmente achando que iria trair ele. Disse da forma mais calma possível que não tinha a intenção de ficar com outra pessoa, que minha amiga era careta e que provavelmente iríamos ver filmes a noite toda, tomar refrigerante e comer pipoca. Ele aceitou me fazendo prometer que quando voltasse, iria se casar com ele, que teríamos uma vida juntos com filhos e um cachorro. Eu tinha apenas 21 anos e ele 42, não podia decidir assim uma coisa dessas, eu nem acredito neste modelo de relação de princesa da Disney que ele estava propondo. Vi a entidade do ódio nascer do profundo do seu ser e se manifestando em seu corpo. Foi quando me deu um tapa no rosto e me jogou no chão dizendo que eu era uma puta, que ele tinha feito de tudo por mim, deixado de sair com seus amigos e que já não via sua família, por fim me chamou de mal-agraçada e que iria me ensinar a gostar dele mesmo que tivessem que nos enterrar juntos. Fiquei paralisada vendo aquele homem enorme, era como quando meu pai batia em mim e em minha irmã. Aquela mesma sensação. Era eu repetindo o papel da minha mãe apanhando de meu pai,

minha vó do meu avô e assim por diante, estava criando ali o próximo ciclo de mulheres abusadas, preste a virar uma possível estatística fantasma para um programa policial de terça-feira. A minha única defesa foi dizer para ele que não iria mais naquela maldita viagem e que precisava de mais tempo para pensar sobre o casamento. Então, ele mudou sua face como se tivesse virado uma chave, era o Greg de sempre de volta. Me ajudou a levantar do chão, limpou minhas lágrimas e pediu meu lanche favorito. Ficamos juntos como se nada tivesse acontecido.

Ele me manteve vigiada por alguns dias, acorrentada pelo fantasma do Greg malvado. Só consegui sair sozinha quando disse para ele que tinha vindo meus dias e que precisava ir à farmácia, lugar que ele odiava por um trauma de infância, então consegui me livrar dele por um tempo.

Olhando para o espelho da farmácia vi meu rosto ficando roxo onde tinha levado o tapa, pensei por um momento em fugir e ir até a polícia. Me acovardei. Coloquei meus óculos escuro e joguei o cabelo por cima do hematoma.

A atendente da farmácia me perguntou se eu estava bem umas três vezes enquanto buscava um remédio para dor. Na última vez que ela perguntou, me descontrolei e comecei a chorar. A mulher que era uma loira meio gordinha, com uma feição muito amigável me abraçou me levando para o fundo da farmácia onde davam injeção em crianças ou mediam a pressão. Ela se apresentou como Marcia e queria saber o que tinha acontecido, disse que ela já tinha passado por isso e que o desgraçado estava preso. Disse também que tinha um amigo policial que adorava

Contos do outro lado

dar um jeito em valentões e que não seria difícil prender esse sujeito.

Fiz o que achei sempre a atitude mais desprezível nas mulheres que passavam na televisão. Defendi ele dizendo que sempre tinha sido um cara legal, que ele provavelmente só estava inseguro e estressado pelo trabalho. Marcia ficou indignada, dizendo que da próxima podia ser pior e que eu não podia permitir isso. Saí de lá com medo de voltar para o apartamento, medo dele perceber que havia estado chorando.

Olhei para o alto do prédio e pude ver sua silhueta me esperando, senti sua presença, amoleci e voltei para o meu cativeiro.

Ele me fazia o café da manhã, contava uma piada de vez em quando, tudo foi se diluindo até que fui esquecendo aquele pavoroso dia. Encontrei novamente o sentimento que tinha por ele. Era como se tivesse passado uma borracha no que tinha acontecido.

Recebia muitas mensagens das minhas amigas querendo saber o que tinha acontecido comigo, porque estava tão sumida. Greg olhava escondido meu celular de vez em quando, então deixava todos sem responder. Quando ficava sozinha, ligava para minha mãe de vez em quando e dizia estar tudo bem, ela não acreditava, dizia que seu instinto materno sabia que acontecia alguma coisa. Eu desconversava e logo dava um jeito de desligar.

Um dia estava gripada e acabei dormindo cedo. Acordei com ele puxando meu cabelo me obrigando cozinhar alguma coisa para ele, disse que eu era uma folgada, que

se estava morando ali sem pagar nada, que limpasse pelo menos o apartamento e cozinhasse algo decente para sua volta do trabalho. Quando me soltou, um pedaço do meu cabelo ficou em suas mãos. Ele cheirou com tesão a mecha negra e o desejo foi nascendo em seus olhos. Foi a primeira vez que fui violada. Sempre me achei uma mulher forte. Não sabia por que ficava tão submissa àquele homem, minhas forças simplesmente se esvaíam com sua presença. Acho que o choque de suas duas personalidades era grande demais para a minha cabeça compreender, ou era a herança genética das mulheres abusadas da minha família que tinha continuidade em mim.

Depois que ele se aliviou, vi que tinha tirado a camisinha sem eu perceber e gozado dentro. Empurrei ele da cama, disse que já não iria mais aguentar aquela vida, que se ele não me deixasse em paz eu iria denunciá-lo. Ele se levantou rindo do chão dizendo que eu era uma fraca, que jamais teria coragem, se nem meus próprios sonhos eu conseguia realizar, quem dirá denunciá-lo. Disse que tinha muitos amigos na polícia, que ririam da minha cara e foi o que aconteceu, nas três delegacias que fui no dia seguinte, ao ouvirem seu nome, todos diziam que era melhor eu simplesmente me afastar, que aquilo levaria muito tempo para ser visto por alguém, que buscasse a polícia se algo realmente grave acontecesse.

Os dias que se passaram foram de muito terror, sentia estar sendo observada em todo lugar, já não saía de casa e não tinha coragem de pedir ajuda. Quase não comia, mas minha barriga não parava de crescer. Estava tão paranoica que nem tinha percebido que não menstruava fazia três

Contos do outro lado

meses. Um absurdo, eu sei, mas quando sequestram sua mente você perde a percepção de quem você é, do que seu corpo precisa, já não se preocupa com a morte que por sinal parecia ser uma saída fácil para todo o sofrimento.

Depois de muita reflexão resolvi ir para casa da minha mãe antes que Greg me visse por aí com a barriga grande já que teria que começar a sair de casa para ir ao médico e coisas do tipo, sabia que ele me observava além da minha paranoia.

Comprei uma passagem escondida pelo celular que saía de madrugada. Peguei um táxi e fui com apenas uma mala e minha barriga grande para a rodoviária. Um pouco antes do ônibus sair, vi Greg rindo com uma placa que dizia: Parabéns mamãe!!

Agora eu tinha certeza de que ele sabia do filho e que não iria me deixar em paz enquanto não voltasse para ele. A viagem que já era longa se tornou eterna. A cada parada do ônibus eu olhava para todos os lados para ver se Greg estava por ali. Quando tinha certeza de que estava segura, descia para esticar as pernas e às vezes comer algo.

Assim que escureceu, adormeci. Tive alguns pesadelos, mas logo apaguei completamente e fui acordar na cidade de minha mãe.

Sempre olhando em volta, tirei minha mala do bagageiro e fui andando até a casa dela que não era longe dali.

A casa era a mesma em que nasci e como em toda cidade pequena tudo permanecia igual. O que tinha mudado

mesmo era o rosto de minha mãe que fazia uns cinco anos que não a via. Estava com um semblante mais cansado, os cabelos mais brancos e andava mais corcunda também. Assim que abri o portão de casa já fui repreendida por ela. Não aceitava que sua filha que tinha sido educada na igreja tinha tido o mesmo destino das outras meninas do bairro que foram para cidade grande, todas tinham voltado grávidas, pobres e sem emprego. Conteí toda a história para minha mãe esperando sua compreensão, mas minha velha estava realmente muito indignada, como se eu fosse realmente a culpada de ter sido abusada, ainda dizia que tinha colocado ela em perigo. O pior que ela estava certa, não sabia até que ponto Greg era capaz de me seguir nem sabia quais atitudes podia tomar agora que sabia que um filho seu estava em minha barriga.

Falei para minha mãe que pensava em abortar, ela quase me deu com a panela na cabeça, que isso era a última coisa que ela permitiria fazer, que antes tivesse o filho e depois doasse. Sempre respeitei minha mãe e fiz o que ela disse.

Tive meu filho que dei o nome de Mariano, para minha surpresa, se tornou o amor da minha vida. Nunca mais vi o Greg, acho que dei sorte dele ter me esquecido.

Quando meu Mariano fez cinco anos, fiz uma festinha simples para ele e seus amigos em casa, depois de economizar alguns meses consegui dar para ele a bola de futebol que ele tanto queria, com direito a salgados e doces. Assim que ele abriu o pacote foi correndo para a rua jogar com as outras crianças, mas antes que alcançasse a bola, Greg o pegou no colo e começou a abraçar o meu menino.

Eu fiquei paralisada como no dia que ele me violou. Greg se aproximou com ele nos braços e me deu um beijo na boca, todos na festa ficaram olhando sem entender nada. Nesse momento senti a lâmina entrando em meu peito e tudo ficou escuro.

Parte 2

Mesmo cansada de lutar, me coloco neste palco com minha maquiagem borrada, purpurina por meu corpo e um vestido de bailarina. Sei que me acha perfeita, quer casar comigo e me levar para sua prisão. Já caí nessa uma vez. Mesmo que te ache bonitinho, você não passaria de uma noite comigo. Depois você estaria descartado, é isso mesmo, aprendi com você como se faz para não ter pena. E não me venha com este papo moralista de que não devemos passar o que fizeram conosco para frente, este mundo vai pagar pelo que sofri. Quando pedi ajuda, ninguém estava lá, quando implorei para ser ouvida, todos estavam preocupados demais com suas próprias vidas perfeitas. O que tenho agora é um grande nada. É esse mesmo nada que o mundo receberá agora que sou um ser divino. Maldade? Não mesmo, é o choque de retorno, tudo volta com a mesma intensidade na direção oposta. Os que foram bons comigo agora também terão que pagar pela ignorância dos que me feriram. Agora você me pergunta, o que eu quero? Quero tudo, principalmente a liberdade de gritar, de ser sem moldes. Arranco essa maquiagem tirando junto lascas de pele porque meu ser se esconde. O sangue em minhas mãos já não é meu apesar de saírem de mim, é o sangue da sua falta de culpa, do perdão que você nunca pediu. Minha

ferida mais profunda você nunca verá, pois está guardada somente para mim, ela é minha algema que me mantém neste palco olhando para ninguém. Hoje é meu aniversário sabia? Claro que não, porque você não se importa. Quer me bater outra vez? Pois venha que desta vez eu aprendi a devolver. Não cumpro apenas mais um ano de vida, mudei meu ciclo por completo, achei minha força e não vai ser você que vai tomar de mim. É verdade que ainda te amo e agradeça por isso, porque é a única coisa que te mantém longe de minhas garras. Já não sou sua bailarina perfeita, nem este vestido eu preciso mais. Me veja nua agora como viu outras vezes, veja meus pelos e minhas cicatrizes. Estou liberta dos pesadelos que você me fez acreditar sobre mim mesma, agora aceito este corpo imperfeito, pois consigo ver quem realmente sou, uma pura alma observadora do cosmos vendo suas lágrimas falsas em meu túmulo. Sua mentira lhe espera aqui do outro lado. Este palco agora é meu, mas em breve você estará nele. Sua primeira cena? A dor. A vida que lhe foi dada não foi o suficiente para que aprendesse sobre a maestrina que rege a terra. Vai renascer como uma mulher feia e pobre, filha de um pai abusador, para ver se aprende a respeitar a sagrada mãe. Sabe que vendo agora o que vai acontecer com você me dá até um pouco de pena, neste plano a compaixão é algo impossível de ignorar. No fim você é um pobre coitado que vai aprender na marra o seu lugar. Preparo minha saída deste palco vazio. Limpo ele com minhas lágrimas, sangue e suor. Quando chegar aqui, ele estará lindo para você, e boa sorte para lidar com o vazio deste cenário, aqui estará desnudo para você mesmo, o julgamento de seus atos se dará neste espaço e depois de várias eternidades, estarei te esperando para ouvir o seu perdão. Se darei? Tenho

Contos do outro lado

muito tempo para pensar sobre isso. É provável que sim, te perdoe, mas farei por mim mesma que fique claro. Não quero carregar sua energia comigo pelos novos mundos que andarei. Assim termina minha estada neste umbral, vou em direção a luz. Agora quanto a você, sorte com o palco vazio.